



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 29/11/2019

GLOBAL	2
MESA REDONDA GLOBAL PARA CARNE SUSTENTABLE ESTABLECE CINCO PRIORIDADES	2
CAMBIA LA DINÁMICA DEL MERCADO GLOBAL	2
INFORME SOSTIENE QUE LA CARNE ES CRUCIAL PARA ALIMENTAR EL PLANETA.....	3
CHINA	4
IMPORTACIONES DE CARNE CONTINÚAN EN FUERTE AUMENTO - ALTA TECNOLOGÍA PARA ENFRENTAR LA FIEBRE PORCINA.....	4
PRESIÓN DE CHINA ESTÁ RECALENTANDO EL MERCADO MUNDIAL.....	4
“CHINA PRESIONA A LA BAJA PRECIO DE LA CARNE HABILITANDO EL CANAL GRIS”	5
JAPON CONCLUYÓ ACUERDO PARA EXPORTER CARNE A CHINA	5
BRASIL	6
MERCADO DE HACIENDA CIERRA SEMANA CON MAYOR CALMA	6
EVOLUCIÓN DEL PRECIO DE LA CARNE AFECTARÁ EL ÍNDICE DE PRECIOS AL CONSUMIDOR.....	6
SUPERMERCADOS PROPONEN SUSTITUTOS PARA MORIGERAR EL IMPACTO.....	7
CRISIS ASIÁTICA PRESIONARÍA SOBRE LOS PRECIOS BRASILEÑOS DE CARNES DURANTE VÁRIOS AÑOS.....	7
CNA NO DESCARTA IMPORTAR CARNE.....	8
GESTIÓN A ALTO NÍVEL PARA REABRIR EL MERCADO DE EE.UU.	8
URUGUAY	8
MIENTRAS SUBE EL PRECIO DEL NOVILLO, EN BRASIL ESPERAN REAPERTURA DE TURQUÍA PARA GANADO EN PIE EN ENERO	8
INSTALACIÓN DE ESCÁNERES EN LA INDUSTRIA FRIGORÍFICA SE ENCUENTRA EN SU ETAPA FINAL.....	9
LA TECNOLOGÍA QUE LLEGÓ PARA SEGUIR.....	9
URUGUAY ABRIRÁ EL AÑO 2020 CON 15 COMPARTIMENTOS OVINOS	11
EXPORTADORES EN PIE Y MGAP SE COMPROMETEN A ACTUALIZAR PROTOCOLO.....	11
EN 2019 EL ENDEUDAMIENTO DE LA INDUSTRIA FRIGORÍFICA AUMENTÓ 20% INTERANUAL.....	12
PARAGUAY	12
PARAGUAY PREVÉ VACUNAR CONTRA FIEBRE AFTOSA A 14 MILLONES DE BOVINOS	12
UNIÓN EUROPEA	12
PRODUCTORES DE UE DENUNCIAN “DOBLE STANDARD” QUE IMPONDRÁ TLC CON MERCOSUR	12
ESTADOS UNIDOS	13
EXISTENCIAS EN FEED LOTS MAYORES QUE UN AÑO ATRÁS.....	13
CHINA ABRIÓ A LA CARNE AVIAR DE EE.UU.....	14
USDA INTRODUCE MODIFICACIONES EN LA FORMA DE REPORTER EXPORTACIONES	14
EU ON COURSE TO ALLOW IN MORE U.S. BEEF FROM 2020.....	15
POTENTIAL FOR US EXPORT GROWTH TO EUROPE A HOT TOPIC AT ANUGA	15
INDUSTRIALES EN CONTRA DE USO DE LA PALABRA CARNE PARA PRODUCTOS QUE NO SON TALES	16
AUSTRALIA	16
EXISTENCIAS EN FEED LOTS EN NIVELES RÉCORDS	16
ANALIZAN CRECER EN EL MERCADO LOCAL.....	17
RATIFICAN ACUERDOS COMERCIALES CON INDONESIA; HONG KONG Y PERÚ.....	17
VARIOS	18
ARABIA SAUDITA ADMITE IMPORTACIONES DE POLONIA	18
NUEVA ZELANDA: SUBEN EXPORTACIONES EN OCTUBRE.....	18
EMPRESARIAS	19
SITUACIÓN POLÍTICA EN SUDAMÉRICA FRENA OFERTA PÚBLICA DE ACCIONES DE ATHENA FOODS	19
A MENOS DE UN AÑO DE INGRESAR A CHINA, COPAYÁN DESTINA MÁS DEL 60% DE LA PRODUCCIÓN.....	19



GLOBAL

Mesa Redonda Global para Carne Sustentable establece cinco prioridades

GIRO DO BOI 19/11/19 - por Equipe BeefPoint A Mesa Redonda Global para Carne Sustentável realizou sua assembleia geral em Christchurch, Nova Zelândia, na semana passada. Como presidente da Mesa Redonda Canadense para Carne Sustentável, Anne Wasko estava lá e compartilha sua visão e experiência abaixo:

Como atual presidente da Mesa Redonda Canadense para Carne Sustentável (CRSB), tive o prazer de representar a CRSB na recente Mesa Redonda Global para Carne Sustentável (GRSB) na Nova Zelândia. O GRSB é uma iniciativa global com várias partes interessadas, desenvolvida para promover a melhoria contínua da sustentabilidade da cadeia de valor global da carne bovina por meio de liderança, ciência e engajamento e colaboração com várias partes interessadas. A GRSB prevê um mundo em que a carne bovina é uma parte confiável de um próspero sistema alimentar, no qual a cadeia de valor da carne bovina é ambientalmente saudável, socialmente responsável e economicamente viável.

A reunião em si se concentrou em alguns tópicos importantes para o GRSB, incluindo uma atualização no plano de comunicações e uma atualização no plano estratégico para o GRSB para a próxima década. O GRSB acredita que alcançou um nível de sucesso na comunicação sobre a sustentabilidade da carne bovina, mas foi amplamente focado no público interno. É desejo do conselho da GRSB expandir o escopo e o alcance de seus esforços de comunicação para ter uma presença mais global e um público mais amplo, incluindo consumidores, influenciadores, ONGs e outras indústrias com interesse na produção de carne bovina.

O plano estratégico da organização para 2030 analisa cinco áreas prioritárias, incluindo:

- 1) Estabelecer um número limitado de "Metas Globais" para a Rede GRSB;
- 2) Comunicar para garantir que a carne bovina seja uma parte confiável de um próspero sistema alimentar;
- 3) Suporte à rede da mesa redonda;
- 4) Desenvolver um sistema de informação para relatar o progresso dos Objetivos Globais; e,
- 5) Desenvolver e fortalecer parcerias para atingir os Objetivos Globais.

Agora, o trabalho começa a estabelecer essas metas com a contribuição dos membros.

A rede de mesas redondas agora inclui 24 países: Canadá, EUA, Brasil, Paraguai, Argentina, Colômbia, México, Austrália, Nova Zelândia e seis países da UE (com mais devendo entrar), oito países da África do Sul e uma iniciativa na China.

Sabemos que o setor de carne bovina é global e pode ser afetado por eventos em qualquer lugar do mundo. Frequentemente ouvimos números e questões amplamente citadas como globais (não canadenses). Também sabemos que os de menor desempenho podem proporcionar os ganhos mais significativos globalmente em termos de pegada de carbono. O Paraguai sediará a Conferência Global bienal sobre carne sustentável, de 21 a 25 de setembro de 2020.

Assim como qualquer reunião ou conferência canadense sobre carne bovina, uma das partes mais valiosas é a criação de redes e o conhecimento do que está acontecendo em outras partes do mundo em termos de sustentabilidade da carne bovina. Outros países também estão muito interessados em ouvir o que o Canadá está fazendo com sua mesa-redonda e a Estrutura de Carne Certificada Sustentável.

A nossa é a primeira estrutura sustentável certificada e baseada em resultados do mundo e, com um ano de experiência, podemos agora apontar para o progresso que temos visto em termos de volume de carne bovina sustentável certificada vendida (um aumento de 45% em relação à última ano).

Mas o trabalho nunca está terminado – como dizemos no mundo da carne sustentável – a jornada continua.

Artigo de Anne Wasko, produtora rural do oeste de Saskatchewan e analista de mercado de carne bovina na Gateway Livestock Exchange.

Fonte: Realagriculture.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Cambia la dinámica del Mercado global

21 November 2019 Robust demand from China is having a considerable impact on global market dynamics and this is likely to continue in 2020, with recent forecasts indicating global supply will remain tight.

Supply shift to China



The pork shortfall created by African Swine Fever (ASF) in China has been the driving factor behind an increasingly competitive market for beef in 2019. With Australia's beef production forecast to decline in 2020, China will increasingly lean on other suppliers to meet their expanding needs. This demand is expected to provide support to beef prices in the year ahead. South American suppliers are expected to continue building a presence in China – the result of their growing supply capability and favourable price point.

In September, 17 Brazilian processors were approved for export to China. The effect of this was made evident last month, as Brazil shipped 65,000 tonnes shipped weight (swt) of beef to China, highlighting the booming Chinese demand as they prepare for their holiday period. Beef exports to China for the year-to-September are now up 11% on 2018. According to Steiner, Middle Eastern buyers have fallen off the radar for Brazilian meatpackers, as a strong Brazil domestic market combined with Chinese competition means they're struggling to get a look-in. While Brazilian exports to the Middle East have remained steady for much of the year, volumes to the Middle East may ease unless Chinese demand softens.

Argentinian beef production is currently flourishing, albeit uncertainty surrounding future agricultural reform exists with the new incoming president. Domestic prices for cows have just exceeded steers, highlighting the demand for manufacturing beef and subsequently driving slaughter levels in October to the highest point since 2009. Export volumes to China are up 105% on 2018 for the year-to-September, making Argentina the top supplier of beef to China.

The supply situation in Uruguay is tight, as slaughter figures are back 6% on 2018. It appears that with China taking precedence as an export destination this year, export volumes to other top markets, such as the US and Israel have come off the boil. High demand from China drew 82.5% of all Uruguayan beef exports in October. Meanwhile, frozen exports to the EU have dropped off as a result of the draw from China, 44% down on 2018 year-to-October figures.

Traditionally, New Zealand has been a key supplier in the US market; however, with their focus shifting to China, their percentage of exports to the US has declined from 46% in 2018 to 30% this year. Cow and bull slaughter is expected to pick up over the coming months, yet buyers are sceptical about the volume of product that will make its way into the US market. Strong competition from China will continue to limit US imports, potentially leaving gaps in the market for imported beef.

Impact for Australian markets

While South American suppliers may be flooding Asian markets with beef, Australia can continue to leverage off this increased competition to obtain value across its many key markets, namely the US, Japan
Australia ratificó acuerdo comercial con Indonesia y el sector cárnico lo festeja

Informe sostiene que la carne es crucial para alimentar el planeta

The Telegraph²⁷ November 2019 Meat is crucial for feeding the planet, leading scientists have said, as they warned it is not more environmentally-friendly to go vegan.

Experts from the University of Edinburgh and Scotland's Rural College said farmers were increasingly feeling demonised by the unsupported 'meat is evil' claims being promoted by environmental lobbyists.

Speaking at a panel in central London, they argued that meat was critical for the physical and mental health of children, particularly in developing countries, and said that moving away from livestock farming would not improve land use.

Prof. Geoff Simm, Director of Global Academy Agriculture and Food Security at the University of Edinburgh, said: "I think (livestock farmers) do feel they are being demonised.

"Often the argument is made that going vegan would minimise land use, and the modelling studies that have been done demonstrate that that's not the case.

"We feel that while livestock production has a range of economic, social and environmental costs and benefits, the costs have perhaps been receiving far more attention recently than some of the benefits.

"Meat has massive social benefits. It's an important source of dietary protein, energy, highly bioavailable micronutrients, even small amounts of animal-sourced food have a really important effect on the development of children, in the developing world on their cognitive and physical development and they are really important."

Prof Mike Coffey, from Scotland's Rural College, added: "It's completely unnecessary to go vegan.

"If everybody went vegan it would be devastating for the UK environment. Animals bred for food help boost biodiversity."

Researchers are currently attempting to breed more environmentally friendly cattle, which grow faster and eat less, which could further reduce the sector's carbon footprint by reducing the amount of methane released by cows.

This could also lead to shoppers in the next few years being able to check the label of their food to discover the environmental impact it has had, they added.



Prof Coffey said that the difference in methane emissions from best and worst cattle was about 30 per cent and that if all UK farmers used the most efficient animals this could reduce carbon emissions by nearly a third.

He said by next year farmers will be able to select bulls for breeding that will father dairy cows that consume less feed for the amount of milk they produce.

But Prof Coffey said the next stage will be trying to measure the methane given off by different breeds of cattle to find which are the lowest emitters.

He added: "By next year farmers will be able to select bulls whose daughters consume less feed for the amount of milk they produce.

"Where we go next is can we actually measure methane emissions from groups of animals."

CHINA

Importaciones de carne continúan en fuerte aumento - Alta tecnología para enfrentar la fiebre porcina

28 de noviembre de 2019 Las importaciones de carne de China confirmaron las expectativas y continuaron aumentando fuertemente en octubre. La epidemia de peste porcina africana ha reducido significativamente el stock de cerdos del país y lo ha obligado a expandir las compras de proteínas en el mundo, fundamentalmente América del Sur.

Según datos del servicio de aduanas chino, las importaciones de carne de cerdo del país totalizaron 177.400 toneladas en octubre, un 114% más que en el mismo mes del año pasado. En el caso de la carne vacuna, el volumen aumentó 63% interanual a 150.800 toneladas, mientras que las compras de pollo crecieron 64% a 66.900 toneladas y las de cordero aumentaron 42% a 28.300 toneladas.

Para enfrentar la epidemia, el gigante asiático ya utiliza inteligencia artificial, monitoreos con chips en tiempo real y robotización para construir grandes empresas cárnicas eficientes y enfocadas en la precisión.

Según informó Clarín, el primer instrumento es un programa de subsidios por U\$S 700.000 millones, destinado a financiar la constitución de grandes empresas cárnicas, capaces de producir más de 100.000 cerdos por año a través de un proceso combinado de utilización de "Inteligencia artificial" y robotización en gran escala.

Una de esas nuevas compañías, situada en Jiling (Nordeste de China), utiliza la "Inteligencia artificial" para reconocer el rostro (reconocimiento facial) de cada uno de los integrantes de su stock de cerdos, con el objetivo de alimentarlos con planes específicos mediante un programa robotizado.

Presión de CHINA está recalentando el Mercado mundial

28 November 2019 In recent weeks, acute pork shortages and surging retail prices in China have kicked several global beef indicators.

The supply implications of African Swine Fever have been widely discussed as the disease has spread and become endemic across China – the world's largest producer, consumer and importer of pork.

Initially, panic-liquidation of pigs and the release of frozen pork from cold-store inventories held retail prices in-check in China. However, since June, pork shortages have become acute and retail prices have more than doubled, smashing through any previous market ceiling. Pricing pressure has also spread to other proteins, with retail beef prices in China up 20% since June, and chicken and sheepmeat up 21% and 16%, respectively.

After a 20-week rally, live pig prices in China have cooled in the last fortnight. However, with ASF remaining as critical as ever and the Chinese New Year approaching at the end of January, prices may again come under upward pressure, as the pork supply crunch coincides with peak demand.

The meat trade reaction to the China pork shortage is unprecedented and never before has so much meat been directed into a single, albeit massive, market. However, as discussed earlier this year, this meat trade shift to China has been part of a longer-term trend – ASF has just supercharged this process.

Over the year-to-October, Chinese pork imports have surged 49% year-on-year, while beef (up 55%), poultry (up 52%) and sheepmeat (up 19%) imports have also increased markedly. In total, an additional 1.25 million tonnes of meat and offal has entered the China market over the first ten months of 2019 compared to a year earlier – that is more tonnage than Australia's global annual beef exports in 2018.

The weight of China is now being reflected in other major markets. US buyers, whom have historically sourced most of their imported frozen trim from Australia and New Zealand, have been forced to lift their bids to remain competitive with offerings out of China. The US imported 90CL beef indicator has rallied 27% (or 207 A¢/kg CIF) in the last four weeks, to a record 972.5 A¢/kg CIF.

Meanwhile, Brazil, with additional beef plants recently approved to supply the China market, has witnessed slaughter steers prices surge 30% in the last month and the benchmark indicator is now trading at the narrowest discount to the Australian market since 2015.



While US pork exports to China have picked-up, heavy tariffs have prevented a significant appreciation in the US hog market and prices are currently trading close to year-ago levels. However, the EU – with a significant tariff advantage and accumulating most of the increased pork trade to China – has recorded a significant lift in pig quotes, with average prices currently trading 32% above year-ago levels and at a 55% premium to their US counterparts (Steiner Consulting).

For now, all eyes are on the US-China mini-trade deal being negotiated and what it may encompass. The US, currently producing record volumes of pork, is a natural partner for China – politics aside – in meeting the growing meat gap left in the wake of ASF.

Unlike other major meat indicators, Australian cattle prices are yet to reflect shifting market dynamics in China over the last month. This is likely being driven by drought-induced ample supplies of cattle coming through to slaughter and most processor kill sheets being booked out through to the end of year shutdown. Weekly cattle slaughter in the eastern states has averaged 156,000 over the last four weeks, 16% above where it tracked over the same period last year. The opening of cattle markets in 2020, especially if the new year brings decent showers over the northern wet season, may prove more responsive to changing conditions in China.

“China presiona a la baja precio de la carne habilitando el canal gris”

29/11/2019 - La apertura del canal gris busca “medir” los precios de la carne, que llegaron a valores “ilógicos”, explicó el bróker Daniel Castiglioni.

Luego de varios meses con la carne vacuna valorizándose en China, el mercado parece estar más medido y la demanda comienza a marcar una tendencia bajista.

El director de Casi Trading, Daniel Castiglioni, dijo a Rurales El País que “veníamos de precios ilógicos, disparados de una forma única y con valores fuera de la realidad del mercado. Comparado con eso, ha caído el precio buscando el piso de esta situación”.

“Los precios en la última feria de importación en Shanghai cayeron porque se abrió el canal gris para ingresar productor de Hong Kong y Vietnam”, aseguró Castiglioni y agregó: “Además se acerca fin de año y hay mucha gente con stock de carne y menos dinero que antes. Por esta razón se está operando con cortes que ya están en China”.

Castiglioni consideró que la apertura del canal gris “no es casualidad”, dado que normalmente “está cerrado”. Pero ante el recalentamiento del mercado “se abre como emergencia para bajar los precios”. Y sumó: “Muchos operadores compran esta carne cuando abre el canal, se cambia el empaque, se almacena y se tiene de reserva”.

Por último, explicó que “el mercado siempre tiene un punto hasta donde soporta la suba de precios”. Argentina y Brasil.

Consultado acerca de la situación de los demás países exportadores de la región, el bróker dijo que “Brasil tiene más plantas habilitadas y posibilidades de aumentar su volumen de exportación. Ellos necesitan mover la máquina y vender, hay que ver cómo reaccionan a los nuevos precios del mercado”.

Al respecto de Argentina, Castiglioni señaló que tiene más frigoríficos aprobados para la exportación y una situación favorable para vender: “No les importa tanto los precios. Ellos necesitan vender su carne. No tienen capacidad de almacenamiento, necesitan producir y vender, y más con la desesperación de lo que pueda suceder con el próximo gobierno”.

JAPON concluyó acuerdo para exportar carne a CHINA

26 November 2019

JAPAN - Tokyo and Beijing on Monday concluded an agreement on animal health and quarantine, taking a key step toward the resumption of Japan’s beef exports to China, halted since 2001.

Foreign Minister Toshimitsu Motegi and his Chinese counterpart Wang Yi welcomed the agreement at a meeting in Tokyo the same day.

“I strongly hope that Chinese people will enjoy delicious Japanese farm products even more,” Motegi said in a joint press conference after the meeting.

The agreement is designed to facilitate safe trade in animals and animal-derived foods through closer cooperation on cross-border controls against animal diseases. It was signed by Japanese Ambassador to China Yutaka Yokoi and Chinese Ambassador to Japan Kong Xuanyou before the ministerial meeting.

China placed its import ban on Japanese beef after the outbreak of mad cow disease, formally called bovine spongiform encephalopathy (BSE), in Japan in September 2001.

The two countries see the agreement as an important step toward the resumption of Japanese beef exports, with details to be worked out later.



BRASIL

Mercado de hacienda cierra semana con mayor calma

Sexta-feira, 29 de novembro de 2019 - 06h00

Em São Paulo, após a volatilidade de preços vigente nos últimos dias, o mercado do boi gordo está mais calmo, já são quatro dias de estabilidade.

Apesar das escalas curtas, alguns compradores ficaram fora das negociações no fechamento da última quinta-feira (28/11).

A cotação subiu em 7 das 32 praças pesquisadas pela Scot Consultoria. Destaque para o sul da Bahia, cuja alta foi de 2% na comparação feita dia a dia, considerando o preço à vista.

Mercado atacadista cauteloso, o escoamento perdeu velocidade, mas os preços são os mesmos.

Evolución Del precio de la carne afectará el Índice de Precios al Consumidor

GIRO DO BOI 26/11/19 - por Equipe BeefPoint

Num quadro tranquilo para os preços, um choque de oferta já previsto superou expectativas e vai deixar a inflação um pouco mais salgada no fim do ano, e também ao longo de 2020, mas ainda abaixo das metas perseguidas pelo Banco Central (BC). O impacto da peste suína na China sobre a cadeia de proteínas bateu com força nas cotações ao produtor e deve acrescentar de 0,2 a 0,3 ponto ao Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em novembro e dezembro, estimam economistas.

Nos 12 meses acumulados até outubro, os suínos já acumulam alta de 32,8% no Índice Preços ao Produtor Amplo – DI (IPA-DI), da Fundação Getulio Vargas (FGV), taxa que deve chegar a 37,5% em dezembro nas estimativas de Fabio Romão, da LCA Consultores. Os bovinos e aves também devem alcançar taxa de dois dígitos ao fim do ano, com avanço de 20,7% e 13%, respectivamente, calcula Romão. No IPCA, esses preços têm peso de 6,7%, ou 27% do grupo alimentação e bebidas.

Com essa trajetória no radar, bancos e consultorias estão elevando projeções para o índice oficial de inflação em 2019. Divulgado ontem pelo Banco Central, o boletim Focus mostrou que o consenso de mercado para a alta do IPCA no ano avançou de 3,33% para 3,46% entre a semana passada e a atual. A meta deste ano é de 4,25% e a do próximo, de 4%.

Nesse cenário, Cristiano Oliveira, economista-chefe do Banco Fibra, ajustou sua estimativa para o período de 3,46% para 3,75%. Oliveira calcula que o potencial inflacionário do choque de proteínas pode ultrapassar 50% ao produtor nos próximos dois meses, considerando o diferencial entre o preço atualmente praticado no atacado brasileiro e o preço pago aos exportadores pelo mercado internacional. “Parcela desta pressão inflacionária deve aparecer no varejo também, elevando a inflação ao consumidor”, diz ele.

Segundo a equipe econômica do Bradesco, os núcleos de inflação, que tentam diminuir ou expurgar o efeito de itens voláteis sobre o IPCA, seguem baixos, mas há riscos de oferta relevantes no setor pecuário. O banco destaca que, no IGP-10 de novembro, a alta de proteínas superou 5%. “Essa elevação é resultado do desabastecimento chinês após caso de febre suína, mercado que o Brasil começou a acessar recentemente, após habilitação de frigoríficos”, explica o departamento econômico do banco.

Com a oferta de proteínas no país reduzida por conta da doença, a China praticamente dobrou as exportações de carnes bovinas do Brasil nos últimos meses, aponta o Bradesco, o que pressionou os preços domésticos antes do previsto. “Em nossas estimativas, já consideramos alta de 11% na cadeia de pecuária para o consumidor final”, aponta o banco em relatório a clientes.

O efeito da peste suína ocorrida na China sobre os preços de carnes no mercado interno já era aguardado, mas havia dúvidas a respeito do timing do impacto, afirma Romão, da LCA. A maior parte da pressão sobre o varejo ainda vai ficar para o próximo ano, diz, mas as altas ocorridas no atacado desde agosto foram mais fortes do que o previsto e vão chegar ao varejo em novembro e dezembro. Nesta época, observa ele, os preços de carnes já ficam mais pressionados, devido às festas de fim de ano.

Por causa do choque de proteínas, a LCA revisou a estimativa para a alta do IPCA em novembro, de 0,35% para 0,40%. A projeção para o mês seguinte também foi ajustada para cima, de 0,37% para 0,48%. “Essa questão pontual das proteínas apenas deixou as taxas mais próximas da sazonalidade”, diz o economista. Ele elevou em 0,2 a ponto a projeção para o indicador oficial de inflação de 2019, para 3,5%. Em 2020, a alta deve ser bastante parecida, de 3,4%. “Não fosse esse choque, teríamos um IPCA mais próximo de 3% no ano que vem.”

Segundo Carlos Thadeu de Freitas Filho, economista-chefe da Ativa Investimentos, a repercussão da menor oferta de proteínas na China sobre os preços domésticos já estava na conta desde o fim do ano passado, mas não era previsto que a oferta doméstica ficaria tão baixa, o que acabou acontecendo em função das vendas externas. E isso ocorre numa época em que a demanda tradicionalmente fica mais aquecida, com estímulos como o 13º salário e, neste ano, os saques das contas do FGTS.



O dólar alto representa outra pressão sobre os preços na cadeia de proteínas, acrescenta Freitas, que já trabalha com avanço de 3,7% para o IPCA em 2019. “O câmbio depreciado não ajuda nada. Para tentar estimular os produtores a não exportarem, é preciso oferecer um preço maior”, diz o economista.

No primeiro trimestre do próximo ano, o embate entre consumo doméstico e demanda externa vai ditar quanto os preços vão ceder após a alta no fim de 2019, avalia Freitas. O início de ano costuma ser recessivo para o consumo, observa ele, período em que incidem pagamentos de impostos, reajustes de mensalidades escolares e outros gastos extras. “Se a redução do consumo de proteínas for forte neste momento, os preços podem cair um pouco, mas, se a China absorver toda essa queda, os preços não vão mudar quase nada.”

Romão, da LCA, estima que as proteínas vão subir 7,1% neste ano no IPCA – estão com alta de 2,3% nos 12 meses até outubro – devem ter um pico de 10,5% em agosto do próximo ano e, a partir de então, vão começar a perder fôlego, fechando 2020 com aumento de 6,85%. “Há uma defasagem no repasse do atacado para o varejo, e também esperamos que haja uma substituição parcial de suínos pela carne de aves, que têm ciclo mais curto”, explica ele.

Para os economistas ouvidos, o choque de oferta é temporário e, por isso, não representa risco à trajetória de queda dos juros, que vão continuar sendo cortados pelo Banco Central no próximo ano.

Supermercados proponen sustitutos para morigerar el impacto

26/11/19 - por Equipe BeefPoint

A Associação Brasileira de Supermercados (Abras) informou ontem que “tem acompanhado atentamente todas as questões que envolvem o abastecimento do mercado interno” de carne bovina e que, apesar de os sinais disponíveis indicarem que não há risco de desabastecimento no mercado doméstico diante do forte aumento das exportações, a alta de preços do produto in natura chegou ao varejo do país.

Segundo comunicado da entidade, com o aumento do valor da arroba do boi, que alcançou níveis recordes e chega a ser negociada por R\$ 230 em algumas praças de São Paulo, cortes como o contra-filé, por exemplo, registram aumento superior a 50%.

“A Abras está empenhada em encontrar soluções para um cenário de livre comércio e demanda por parte dos frigoríficos e distribuidores. Entre elas, recomenda aos seus associados, com intenção de atender o consumidor nesse momento, atenção total a logística e manuseio, evitando perdas no processo de transformação e investir esforços em ofertar outras proteínas, como suínos, pescados, ovos e aves como opções à carne bovina”, afirma a entidade em comunicado.

Consideradas a grande “vilã” do aumento de preços da carne bovina no Brasil, a importação de proteínas em geral da China continua firme, como apontaram dados divulgados ontem pelo serviço aduaneiro do país asiático.

Crisis asiática presionaría sobre los precios brasileños de carnes durante vários años

25/11/19 - por Equipe BeefPoint

Ir ao açougue tem exigido paciência e uma calculadora do brasileiro. De acordo com o Instituto de Economia Agrícola, o quilo da carne bovina terminou outubro cotado a R\$ 24,06 – o maior valor do ano.

A dona Dirce, por exemplo, nunca abriu mão da picanha no churrasco ou do filé mignon no almoço de domingo. Agora, a receita preferida dela na hora de montar o cardápio é muita pesquisa.

“Tem aumentado, tenho acompanhado que sim, mas tem muita promoção. Por conta do final do ano eu acredito que já aumentaram um pouco para estender o mês. Eu tenho feito muita pesquisa de preço, diversifico o cardápio. É importante comer peixe, frango, carne de boi.”

A alta vem sendo impulsionada por um surto de peste suína africana na Ásia, que até outubro levou ao abate de mais de 6 milhões de animais em todo o continente.

Mesmo com o aumento das importações de carne de porco, países como a China, principalmente, tiveram que diversificar a oferta de proteína animal para dar conta da demanda interna.

Os chineses têm importado mais de 100 mil toneladas de carne bovina por mês do Brasil, reduzindo a oferta no mercado interno.

O diretor superintendente da Agrocere PIC, Alexandre Rosa, afirma que os preços podem continuar altos por um bom tempo.

“Esse ano a China passou a ser a maior compradora de todas as carnes brasileiras. Esse reflexo está mais forte nos reflexos da carne bovina porque a produção não atende ao crescimento da demanda.”

O preço do bife mais salgado força uma mudança no cardápio. No entanto, o economista Gilberto Braga ressalta que alternativas mais comuns, como o frango, tendem a ficar mais caros em tempos de procura maior.

O professor do Ibmecc do Rio de Janeiro diz que o jeito é seguir os passos da dona Dirce.

“As grandes redes tem feito promoções e os consumidores que podem estudar ofertas conseguem manter o churrasco e a carne bovina dentro do seu cardápio.”



O quilo do filé de frango terminou o mês de outubro cotado a R\$ 14,36. O preço é o melhor dos últimos seis meses, mas é superior ao observado no início do ano.

CNA no descarta importar carne

27/11/19 - por Equipe BeefPoint

O vice-presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), José Mário Schreiner, disse que há possibilidade de o Brasil importar carne bovina, em entrevista a jornalistas durante a reunião da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), em Brasília. Ontem, em entrevista após um evento em Mato Grosso do Sul, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, disse que o país “pode importar carne se precisar para dar equilíbrio ao mercado”.

As declarações ocorrem em meio à alta histórica na arroba do boi gordo. O Ministério da Agricultura informou que não existe plano para importação e que a ministra se referiu a isso “como uma tese”.

Schreiner, que também é deputado federal e presidente da Federação de Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), disse que não vê a alta nos preços da carne como um elemento de preocupação do governo com relação à inflação. Ele ponderou que o mercado vai se ajustar. “Da mesma forma que nós exportamos, também há possibilidade de importação, sem dúvida nenhuma. O mercado é livre, você pode vender, pode comprar, hoje estamos dentro do livre mercado internacional.”

O vice-presidente da CNA também afirmou que a alta nos preços das proteínas é um movimento global, e não exclusivo do Brasil. Internamente, o abate de matrizes em anos anteriores, aliado à alta demanda de carnes pela China por causa do surto de peste suína africana, contribuiu para a arroba disparar.

“Se for considerar os aumentos dos custos de produção nos últimos anos no Brasil, eles estão muito além do que os preços têm reagido”, argumentou Schreiner.

Ele disse que uma normalização dos preços pode ocorrer em breve. “[O mercado], no final do ano, vai enfrentar esse problema, mas no início de janeiro já estará nos níveis normais. É um momento de ajustes. A gente vê certa retomada da economia, aumento do consumo, mas são questões que, com o tempo, vão se adequando”, afirmou.

Gestión a alto nível para reabrir el mercado de EE.UU.

18/11/19 - por Equipe BeefPoint A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, embarca neste sábado para viagem de seis dias aos Estados Unidos. Ela vai se reunir com o secretário de Agricultura americano, Sonny Perdue, durante a semana e deve insistir na reabertura do mercado para a carne bovina in natura do Brasil. Para isso, vai apresentar os compromissos comerciais cumpridos, como expansão da cota de importação de etanol e a implementação da cota de importação de trigo sem tarifa – ambas beneficiam os EUA.

A agenda inclui também reuniões no Banco Mundial e no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e uma rodada com investidores do mercado financeiro. A pauta principal é a imagem sustentável do agronegócio brasileiro. A comitiva vai mostrar oportunidades de investimentos em projetos que incentivem tecnologias limpas no país.

A ministra e a diretoria do Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) vão expor os resultados do Projeto ABC Cerrado, desenvolvido entre 2014 e 2019 com recursos de US\$ 10,6 de um fundo administrado pelo Banco Mundial. A ação atendeu 7,8 mil agricultores em sete estados e no Distrito Federal, ajudou a recuperar 93 mil hectares de pastagens degradadas e a aumentar em mais de 190 mil hectares a área de vegetação nativa nas propriedades envolvidas no projeto.

A intenção é emplacar novas parcerias e estender a iniciativa para outros biomas, como Caatinga e áreas antropizadas na Amazônia.

Tereza Cristina também deve apresentar dados do Plano ABC, criado pelo governo a partir da Política Nacional de Mudança do Clima, em 2009. Ele tem vigência de 2010 a 2020 e faz parte do compromisso brasileiro de redução entre 36,1% e 38,9% as emissões de gases do efeito estufa, em torno de um bilhão de toneladas de CO2 equivalente, até o ano que vem.

Até janeiro desse ano, já foram desembolsados mais de R\$ 17 bilhões em crédito para investimentos em sete técnicas agrícolas e pecuárias, como iLPF, plantio direto, recuperação de pastagens, tratamento de dejetos animais, florestas plantadas, entre outros. Mais de 34 mil contratos foram firmados no âmbito do Plano.

URUGUAY

Mientras sube el precio del novillo, en Brasil esperan reapertura de Turquía para ganado en pie en enero

28 de noviembre de 2019



En lo que va de noviembre el precio del novillo en Brasil ha registrado un aumento de 34%. Esta semana se ubicó en US\$ 3,59 por kilo carcasa, de acuerdo al Índice Esalq, elaborado por el Centro de Estudios Avanzados en Economía Aplicada de la Universidad de San Pablo. Comparado con un año atrás, la suba es de 41%, tomando en cuenta un valor de US\$ 2,55 a fines de noviembre del año pasado.

“Además del factor China hay otros factores que han impulsado el precio del ganado gordo en Brasil”, señaló el consignatario ganadero Eduardo Lund, de Río Grande del Sur.

Por ejemplo, un aumento en la faena de vaquillonas y vacas preñadas en dos últimos años; la fuerte demanda de carne de todo el mundo -no solo de China- y una restricción de la oferta de ganado, con productores ganaderos que especulan con la suba de precios, apuntó Lund. “El mercado continúa nervioso”, señaló el consignatario.

Por su parte, el analista de Zafras y Mercados Fernando Henrique Iglesias dijo que la expectativa en el corto plazo es que esta tendencia de precios se mantenga, en línea con la escasez de oferta que ha predominado en este segundo semestre. Según él, tanto la demanda interna como la externa se han recalentado, justificando el aumento explosivo de los precios registrados en noviembre. “Al mismo tiempo, los frigoríficos se disputan de forma agresiva los animales con destino a China y la Unión Europea”, dijo.

La exportación de ganado en pie también ha sido un factor relevante en el mercado ganadero de Brasil. Por ahora, se sigue enviando ganado con contratos viejos hacia ese destino. “Tenemos información no oficial que a partir de enero serán retomados los negocios de exportación de terneros para Turquía”, apuntó.

Instalación de escáneres en la industria frigorífica se encuentra en su etapa final.

28 de noviembre de 2019

Instalación de escáneres en frigoríficos se encuentra en su etapa final; Junta de INAC avanza en reglamentación de Ley de Inocuidad

“Estamos a días de dejar todo liquidado. Se va a ir habilitando en grupos de cuatro o seis plantas y a medida que esté funcionando correctamente quedarán operando las 28 plantas. Eso es cuestión de días”, dijo a Tiempo de Cambio de radio Rural Guillermo Villa, delegado de la Federación Rural en la Junta directiva del Instituto Nacional de Carnes.

En marzo del año pasado INAC eligió a una empresa francesa como proveedora de equipos de tipificación que se instalarían en los frigoríficos. En ese entonces se esperaba que para marzo de 2019 estuvieran todos los equipos ya instalados, aunque luego se pospuso el cronograma.

En marzo de este año una delegación de INAC visitó Francia y relevó cómo funcionan los equipos que se pondrán en marcha de forma generalizada en la industria frigorífica local.

Avanza reglamentación de Ley de Inocuidad

Mientras, la Junta avanza en la elaboración de un proyecto de reglamentación para la Ley de Inocuidad, que fue presentada por el Poder Ejecutivo ante el Congreso de Intendentes en abril de este año.

“Lo hemos revisado las gremiales y estamos a nada de que se presente al ejecutivo”, explicó Villa.

La ley de Inocuidad, según informó tiempo atrás el del Ministerio Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) en su sitio web, introduce cambios y regula el comercio de carnes para todo el país de forma igualitaria. Además, otorga facultades a INAC para realizar inspecciones en carnicerías en cuanto a la calidad e inocuidad de los productos que se elaboraran.

Molestia por nueva normativa para exportar en pie

El delegado de la Federación Rural manifestó molestia con las autoridades del MGAP porque no haya sido consultada la Junta directiva de INAC previo a cambiar la normativa para exportar ganado en pie.

“A nosotros los productores nos molestó, porque el ministro nos pidió que trabajáramos sobre el tema (exportación en pie) trabajamos sobre el tema. Nosotros creemos que trabajar sobre un protocolo en los barcos es resorte del Ministerio, como fue. Pero tendría que haber tenido la delicadeza si querían cambiar el protocolo (...) sería de orden, por lo menos, que el proyecto hubiera pasado por la junta de INAC para que lo pudiéramos discutir”, reclamó duramente el representante de los productores.

La tecnología que llegó para seguir

16/11/2019 Suplementación del ganado y recría de mayor kilaje y calidad, son claves para crecer.

Desde enero próximo, en cada trimestre habrá una reducción del cupo de 11.250 toneladas que hoy tiene disponible la cuota 481, el contingente de la Unión Europea (UE) para carne de alta calidad proveniente de ganados menores de 26 meses, donde el grano es el insumo básico en la terminación en los 100 días previos a la faena. El cambio se debe al acuerdo entre la UE y Estados Unidos.

Los cambios en la distribución del contingente, aún deben ser aprobados por el Parlamento Europeo y comenzarán a regir en el trimestre siguiente a la firma del acuerdo. El cupo nació en 2012, en el marco del litigio entre la UE y Estados Unidos, por la carne con hormonas. El cupo siempre fue de Estados Unidos pero luego se abrió a terceros abastecedores entre los que estuvo Uruguay. Desde que comenzó a utilizar esta cuota, las ventas de carne bovina enfriada de Uruguay a la UE se duplicaron. Cabe recordar que en



febrero de 2011 y enero de 2012, Uruguay exportó 13.400 toneladas de carne bovina dentro de ese cupo y la facturación pasó de US\$ 91 millones a casi US\$ 271 millones.

Para la ganadería uruguaya es una cuota fundamental, no sólo porque la carne entra libre de arancel, también por las tecnologías que usan para acelerar la terminación del ganado.

Los terceros abastecedores sabían que en algún momento, tras el reclamo de Estados Unidos a la UE, se podría perder parte del cupo y ahora, se filtró un borrador de la Unión Europea con un cronograma de reasignación de cuota, donde el cupo reducirá 4.625 toneladas sobre las 11.250 toneladas disponibles actualmente, que serían otorgadas a la ganadería de Estados Unidos en forma exclusiva.

Una vez finalice el proceso de reasignación de la cuota, que se estima será en 2026, el cupo quedará con 8.750 toneladas trimestrales exclusivas para Estados Unidos y 2.500 toneladas para el resto de los países (Australia, Argentina y Uruguay).

Internamente, la cuota demandó intensificación productiva. Exigió utilizar la suplementación de la recría para llegar a un animal de mayor kilaje al momento que entre en los corrales de engorde, mayor explotación de la genética para elevar la calidad de carne a partir de las razas británicas usadas en Uruguay y mayor volumen de granos en la terminación, entre otros. ¿Qué pasará con todas estas tecnologías? ¿Se perderán? Para varios referentes del sector ganadero e industrial, son tecnologías que llegaron para quedarse.

Visiones. “Diría que Uruguay está pasando hoy por un proceso de intensificación de su producción, pareciéndose a países con porcentajes de extracción altos, al igual que sucede en las naciones con sistemas intensivos”, admitió a El País el presidente de la Asociación Uruguaya de Producción de Carne Intensiva Natural (Aupcin), Álvaro Ferrés.

Las empresas ganaderas de Aupcin, precursoras en el engorde de ganado a corral en Uruguay, tienen una fuerte participación en la cuota y son impulsoras de estas tecnologías innovadoras que elevan la productividad.

“Pienso que a futuro habrá mayor número de animales jóvenes en la faena” y se incrementará “el número de terneros cada año. Los tres millones de terneros anuales vinieron para quedarse”, afirmó Ferrés, imaginándose el futuro y parte del camino de intensificación que vive la ganadería uruguaya.

A su vez reconoció que el incremento de las áreas de pasturas y verdeos en la ganadería, “se debe al valor que está teniendo hoy la recría y la terminación en corrales de engorde o en la exportación de carne en el marco de la cuota 481”.

Ferrés expresó también que, por otro lado, “hay tecnologías como el creep feeding (la suplementación diferencial del ternero al pie de la madre), el incremento en el uso del destete precoz y muchas otras herramientas productivas, que contribuyen a lograr mayor producción y van a quedarse”, independientemente de que se exporte menos carne uruguaya dentro de la cuota 481.

El presidente de la Federación Rural, Julio Armand Ugón, comparte esa visión y afirma sin reparos que las tecnologías y herramientas que se aplican para producir ganado para la cuota 481, “están incorporadas y por tanto el productor las continuará utilizando”.

Armand Ugón que es ganadero en Rivera, consideró que si se pierde parte del cupo o cae esa cuota, “surgirán otros negocios que demandarán un tipo de hacienda similar o terminaciones superiores (de la res), para las que se deberá seguir usando la suplementación y otras alternativas productivas”.

Según su visión, apuntalado por los precios firmes de la recría, el productor ganadero “está más ávido” de incorporar tecnologías que posibiliten producir animales de mayor calidad y con kilajes más altos, tanto para los corrales de engorde, como para que los invernadores partan de otro nivel para llegar a los pesos de faena.

“Previo a las últimas sequías prácticamente nadie racionaba los ganados, pero pasado ese período donde el uso de esa herramienta era la salida para salvar los animales, el productor siguió adoptándola”, explicó el titular de la Federación Rural.

“El uso de raciones y la suplementación de los ganados es hoy moneda corriente”, destacó Armand Ugón.

“No se van a perder esas herramientas productivas que se adoptaron con mayor firmeza a partir del ingreso de la carne uruguaya a la cuota 481”, añadió el gremialista.

A su vez, el presidente de la Cámara de la Industria Frigorífica (CIF), Daniel Belerati, consideró que las tecnologías para acelerar y mejorar la productividad del ganado que promovió la cuota 481, “deben quedarse”.

Desde su punto de vista, “hay que buscar cualquier forma para que esas tecnologías se sigan usando en la ganadería uruguaya”, porque la industria frigorífica “necesita novillos”.

Belerati concluyó que “si en vez de que un novillo esté más de tres años para que llegue al peso de faena, se puede sacar en dos años, bienvenidas sean esas tecnologías y todas las demás que posibiliten aumentar la productividad y las que sirvan para acortar el ciclo productivo”.



Uruguay abrirá el año 2020 con 15 compartimentos ovinos

16/11/2019 - Se consolidó negocio en EE.UU. y se negocia con Japón.

Uruguay cierre el año con 10 compartimentos ovinos de alta bioseguridad en funcionamiento, consolidando la oferta de corderos con hueso para Estados Unidos y comenzará 2020 con un total de 15 emprendimientos. Así lo destacó a El País el asesor privado y delegado de la Asociación Rural del Uruguay en la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), Jorge Bonino Morlán.

“Algunos de los 10 compartimentos en funcionamiento están terminando sus tandas de corderos y todos terminan en diciembre”, porque cierra el acuerdo con la industria y con Central Lanera correspondiente a este año, dijo el asesor.

El acuerdo contempla un beneficio de 5% por cumplimiento de entrega en la fecha acordada con la industria, 20% en las carcasas mayores de 18 kilos de peso y 25% en las carcasas de menor kilaje, pero siempre se recomienda a los productores que se sienten a negociar con la industria los beneficios.

Bonino contó que hay otros cuatro compartimentos ovinos de alta bioseguridad que “están encaminados” con toda la infraestructura y todo pronto. En estos casos, entrarán los corderos al destete (comenzarán en diciembre o enero). “Los productores que están en esta iniciativa están muy entusiasmados para seguir”, alertó el asesor. A los 15 compartimentos que tendrá Uruguay funcionando el año que viene, “hay otros cuatro o cinco que tienen potencialidad para armar rápidamente toda la infraestructura y cumplir los requisitos que impone esta figura sanitaria”, destacó Bonino.

El compartimento de alta bioseguridad está avalado por la Organización Mundial de Sanidad Animal en su código sanitario y en caso de Uruguay, en la especie ovina, son los únicos que están funcionando en el mundo (a cielo abierto). Sirvió para destrabar el ingreso de carne ovina con hueso en Estados Unidos, pronto para abrir Japón y hay otro país de América que está muy interesado en importar carne ovina del compartimento.

“Es una figura que le da a Uruguay garantía que ante ante cualquier cambio de status sanitario. Le permitirá seguir vendiendo carne ovina con las mayores garantías”, afirmó Bonino.

Además, exhortó a los productores a “hacer las cosas bien” y cumplir con el bienestar animal, con la sanidad, el respeto por el medio ambiente y cumplir a rajatabla con las recomendaciones de productos zoonosológicos para evitar cualquier aparición de residuos en la carne que afecten la inocuidad.

“El gran debe es ordenar la oferta de corderos. Se exporta muy poca carne de cordero y tendríamos que mejorar la oferta. Más que mejorar el número de vientres encarnados, lo clave es mejorar los índices reproductivos”, afirmó Bonino.

Mejorar los índices reproductivos va de la mano del tipo de alimentación (cantidad y calidad), sanidad y la genética, pero todo eso “funciona cuando hay precio atractivo y beneficioso para el productor”, dijo el asesor de productores.

Como desafíos por delante para esta figura y para el rubro ovino en generar, surgen la necesidad de considerar incluir como “carne de alta calidad” al cordero diente de leche y como “carne de calidad al borrego”, que puede usarse en las razas finas para producir lana y luego faenar con hueso, dándole valor a la carne, manifestó.

En lo sanitario, el compartimento también abre la posibilidad de aislar poblaciones animales y utilizar esta figura para destrabar la venta de genética a países que se escudan en que Uruguay aún vacuna contra fiebre aftosa y ellos están libres sin vacunación, agregó.

Exportadores en pie y MGAP se comprometen a actualizar protocolo

19/11/2019 - Definieron una comisión de trabajo que se extenderá por seis meses para modificar protocolo.

El director de los Servicios Ganaderos del Ministerio de Ganadería, Eduardo Barre, recibió ayer a los representantes de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie para discutir el protocolo sanitario y de bienestar animal que impuso la cartera semanas atrás y provocó disconformidad y preocupación en los privados.

El presidente de la gremial, Rodrigo González, dijo a Rurales El País que la reunión resultó “espectacular” y Barre “se mostró abierto a pulir los detalles necesarios para no obstruir la exportación de ganado en pie”, aspecto que en lo previo generó una “preocupación muy grande”.

Contó que “no salimos con ningún cambio concreto” pero se propuso generar una comisión entre el Ministerio y la gremial para actualizar el protocolo sin que incumpla los requisitos de la OIE y no impida la exportación de ganado en pie.

González explicó que para cambiar el protocolo “se debe poner paréntesis en cada punto y explicar qué quiere decir cada cosa y estar tranquilos”, pero hasta el momento “no detallamos cuáles van a ser las palabras que van a estar en el reglamento, porque se hará en conjunto de acá a seis meses”.



En 2019 el endeudamiento de la industria frigorífica aumentó 20% interanual

28 de noviembre de 2019 En los primeros nueve meses del año creció más de 20% el monto de créditos del sistema financiero a la industria frigorífica mientras cayó el nivel de colocaciones para el subsector de explotaciones ganaderas. Así surge de los datos desagregados del Banco Central.

Entre enero y setiembre el monto promedio mensual de créditos a la industria frigorífica fue de US\$ 292,5 millones, un incremento de 23% respecto a la media mensual de igual periodo del año pasado que fue de US\$ 237 millones.

Si bien la participación de los créditos vencidos sobre el total es marginal para el sector frigorífico, en los últimos meses comenzaron a aparecer algunas colocaciones en mora. En el promedio de enero setiembre el monto promedio de créditos vencidos fue de US\$ 1,5 millones contra US\$ 170.000 de igual promedio del año pasado.

En explotaciones ganaderas el monto promedio mensual de créditos en los primeros nueve meses del año fue de US\$ 275 millones, con una caída de 9% respecto al promedio de US\$ 301 millones frente a igual período de 2018.

PARAGUAY

Paraguay prevé vacunar contra fiebre aftosa a 14 millones de bovinos

15/11/2019 - Primer periodo de 2020 inicia el 20 de enero y cierra el 28 de febrero.

Las autoridades sanitarias de Paraguay definieron el próximo periodo obligatorio de vacunación contra la fiebre aftosa con inicio el 20 de enero y cierre el 28 de febrero del año 2020; la fecha máxima del registro es el 13 de marzo.

La campaña de vacunación implica dos periodos. El primero en la fecha mencionada donde se inmuniza a la hacienda general y prevén alcanzar con la vacuna a 14 millones de bovinos.

Entre las fechas mencionadas también es obligatorio vacunar contra la Brucelosis a las terneras de 3 a 8 meses de edad. En este caso estiman lograr la inmunización de más de un millón de animales.

El segundo periodo se fijó con comienzo el 20 de abril y finalización el 29 de mayo de 2020. La última fecha para Paraguay el registro es el 12 de junio. En dicha instancia se vacunarán todos los animales menos vacas y bueyes, como sucedió en 2019.

Asimismo, en el segundo periodo es obligatorio vacunar a las desmamantes hembras con la cepa RB 51.

Para la totalidad de la campaña contra la fiebre aftosa el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) cuenta con una cantidad de 22,9 millones de vacuna.

UNIÓN EUROPEA

Productores de UE denuncian “doble standard” que impondrá TLC con Mercosur

19/11/2019 - “Hay un doble rasero entre los productores de la UE y el resto del mundo”, dijo Pekka Pesonen, secretario general del Comité de organizaciones agrarias y cooperativas comunitarias (Copa-Cogeca).

EFE | Representantes de los agricultores y ganaderos de la Unión Europea (UE) denunciaron este lunes en el Parlamento Europeo el “doble rasero” que impondrá el acuerdo de libre comercio entre el bloque comunitario y el Mercosur y pidieron medidas para paliar ese impacto.

“No podemos aceptar este acuerdo”, resumió ante los eurodiputados el secretario general del Comité de organizaciones agrarias y cooperativas comunitarias (Copa-Cogeca), Pekka Pesonen, que denunció el sinsentido de “importar los productos que no queremos producir en la UE”.

“Hay un doble rasero entre los productores de la UE y el resto del mundo”, dijo Pesonen, que mencionó en particular que “muchos sectores sensibles verán sus problemas exacerbados”, en particular el vacuno y azúcar.

Los intervinientes en la audiencia celebrada en la comisión de Agricultura de la Eurocámara hicieron hincapié en que si la UE no toma medidas, el mercado se verá inundado de importaciones de carne de vacuno y aves y otros productos, que no estarán sometidas a las altas exigencias de producción y de calidad que exige la Unión.

El español Agustín Herrero, director general de Cooperativas Agro-alimentarias de España, dijo que pese al “potencial” que el pacto ofrece, si no hay buenos controles y reciprocidad, tendrá un impacto negativo sobre productos como el aceite oliva, la aceituna de mesa, el arroz, el vino y las frutas y hortalizas.

Herrero subrayó la gran “decepción” que sienten los productores españoles al comprobar que los cítricos, un sector que desde hace años sufre por las importaciones de Sudáfrica, Egipto o Marruecos, “no han sido tenidos en cuenta en las negociaciones” y mencionó en particular la total liberalización de las importaciones de zumo de naranja.



“Es un elemento que puede hacer desaparecer la industria europea del zumo y que presionará al sector productor de cítricos europeos”, alertó.

Mencionó asimismo la preocupación por el sector del arroz, que desde hace años sufre la apertura a las importaciones de países asiáticos y que ha obligado a activar la cláusula de salvaguarda.

En cuanto al vino, reconoció el potencial de crecimiento en países como Brasil, pero advirtió de que “resolver problemas” como trabajar en el alineamiento de las normas de etiquetado y proteger las denominaciones geográficas.

Sobre el aceite de oliva el representante de las cooperativas españolas denunció en particular la “asimetría” en la liberalización de los aranceles, de 15 años en el caso de las exportaciones europeas y 4 a la inversa.

Por último, dijo que también preocupa “que se vaya a eliminar el sistema de los precios de entrada de las frutas y hortalizas, fundamental para ver si hay distorsiones de mercado y activar medidas de salvaguarda”.

“Apostar por acuerdos no debe implicar abrir puerta al desequilibrio ni intercambiar unos sectores por otros”, dijo Herrero, que añadió que se debe trabajar en favor de un mercado “equilibrado y bajo las mismas reglas”.

El presidente de la asociación francesa de productos de ave ANVOL, Jean-Michel Schaeffer, alertó por su parte de los daños que el pacto podría tener en su sector y subrayó que “no se puede ratificar tal como se ha presentado”.

La preocupación por el respeto al bienestar animal de las importaciones del Mercosur fue otro de los aspectos que los intervinientes en el evento mencionaron.

Isabella Timm-Guri, de la asociación de agricultores de Bavaria (Alemania) alertó por su parte de los problemas que puede crear el hecho de someter a los productores europeos a exigencias en ese ámbito y a nivel medioambiental que no respeten las importaciones.

La UE y los países del Mercosur cerraron el pasado junio un acuerdo comercial, tras 20 años de negociaciones.

Las organizaciones agrarias y cooperativas comunitarias alertaron en repetidas ocasiones del impacto acumulativo del acuerdo considerando otros pactos comerciales existentes y previstos.

ESTADOS UNIDOS

Existencias en Feed Lots mayores que un año atrás

26 November 2019

US - In this report we will focus on the cattle on feed report that was released on Friday. USDA also issued the results of its "Cold Storage" survey and we will cover that report in our next update, writes Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

At the bottom of this page we have included our regular weekly production and price summary. Please note that this information reflects a compendium of USDA statistics that, at the time of publication, reflects estimates or prices reported through Friday. Readers that maintain supply and price series should always be aware of the revisions that are made to this data over time.

According to USDA, on 1 November the total inventory of cattle in feedlots with +1000 head capacity was 11.831 million head, 1.2 percent higher than a year ago and just 0.1 percent lower than what analysts were expecting. The big increase in placements during October and a lower marketing rate caused the inventory to increase rapidly. The lower than normal marketing rate in September and October has resulted in larger front end supplies.

On 1 November, we estimate the inventory of +150 day cattle was 2.112 million head, 9.9 percent higher than a year ago. The inventory of +120 day cattle was 3.912 million head, 2.3 percent higher than last year. Higher front end supplies and large placements of heavy cattle may limit the upside for cattle prices this winter.

The main point of debate coming into these feedlot surveys is the number of cattle that entered feedlots in the previous month, something that is reflected in the wide range of pre-report estimates. The USDA survey number was below the average of analyst estimates but we think the difference was significant enough to impact the supply outlook.

Still, there was a lot of talk floating around of huge placements in October and the fact the inventory was a bit lower than expected may be construed as supportive for prices in the spring. USDA reported that feedlots placed 2.477 million head of cattle on feed last month, 10.2 percent more than the previous year.

Analysts, on average, were looking for a 12.2 percent increase. This was the largest October placement number since 2010 and the y/y increase of 229,000 head is consistent with the large number of +600 lb. cattle that were sold in the country during October. However, the increase in placements should be seen in



the context of lower placements in late summer and early fall and the overall increase in the supply of cattle outside feedlots on 1 October.

In the previous three months (Jul/Aug/Sep), feedlots placed 181,000 fewer cattle on feed than the same period a year ago. Placement numbers continued to skew heavy, understandable as cow-calf operators have been incentivized (and able) to add pounds outside feedlots. Placements of cattle between 800-899 pounds were 475,000 head, 112,000 head or 31 percent more than the same period a year ago.

Placements of cattle between 900 and 999 pounds were 230,000 head, up 50,000 head or 28 percent higher than a year ago. By comparison, placements of light calves at 600,000 head were 40,000 head or 6 percent lower than last year. This placement structure should have some impact on the Feb-Apr and Feb-Jun spreads. But it is also important to keep in mind that, important as these supply numbers are, the key for the cattle and beef market remains demand.

Global beef prices were explosive in October, with prices in markets such as Brazil and Australia showing a dramatic increase as Chinese buyers quickly outbidding everyone else in order to secure product. In a somewhat circuitous way this has also affected the US beef market (see discussion on 11 November).

Feedlots marketed 1.875 million head of cattle in October, 0.6 percent less than a year ago. Analysts were expecting a 0.4 percent decline in marketings for the month, consistent with the number of fed cattle that were slaughtered in October.

We see the difference between expectations and actual survey results as immaterial. The feedlot turnover rate (ratio of marketings vs. inventory of +90 day cattle) was 32.4 percent, compared to 33 percent a year ago and 33.3 percent for the five year average.

China abrió a la carne aviar de EE.UU.

15/11/2019 - Cierre databa de 2015.

El gobierno de China levantó las restricciones a la importación de productos avícolas de Estados Unidos, cuyo veto se mantenía desde hace cerca de cinco años, informaron la Administración General de Aduanas y el Ministerio de Agricultura del gigante asiático.

China prohibió en enero de 2015 la importación de pollos y productos avícolas estadounidenses para proteger su producción de la gripe aviar que se había registrado en algunas zonas de Estados Unidos en 2013 y 2014. Según un comunicado conjunto de ambas administraciones chinas, Estados Unidos tomó medidas "activas y preventivas" tras la aparición del brote de gripe aviar y no se han registrado nuevos casos desde marzo de 2017.

Audidores chinos visitaron Estados Unidos en 2017 para comprobar las medidas para la prevención de la gripe aviar y el control de la carne avícola, indica la nota. En mayo de 2018 ambos países mantuvieron consultas sobre el asunto y tras una completa valoración, China considera que la epidemia de gripe aviar en los Estados Unidos ha sido efectivamente controlada y que los sistemas de regulación de la carne avícola cumplen los requisitos de las leyes chinas.

Tras el levantamiento de las restricciones, las importaciones avícolas chinas se expandirán para responder de manera efectiva a las demandas del mercado. [En base a EFE]

USDA introduce modificaciones en la forma de reportar exportaciones

November 25, 2019 The USDA published its final rule on clarifications to the export sales reporting system in the Federal Register, after the Foreign Agricultural Service (FAS) received informal inquiries whether exports of different types of beef and pork carcasses must be reported under the regulations.

USDA is modifying the regulations implementing the export sales reporting requirements of Section 602 of the Agricultural Trade Act of 1978.

USDA is adding a footnote to clarify the descriptions for "fresh, chilled or frozen muscle cuts/whether or not boxed" for beef and pork in the appendix to the regulations, according to the Federal Register. The footnote includes an illustrative list of items that fall under these headings. This final rule should clarify the wording of the regulations to avoid further confusion.

"Total weight of carcasses reported may include minor non-reportable items attached to carcasses (e.g., hooves attached to carcasses)," reports Pro Farmer's Jim Wiesemeyer. "Meats removed during the conversion of an animal to a carcass (e.g., variety meats such as beef/pork hearts, beef tongues, etc.) are not muscle cuts nor are items sold as bones practically free of meat (e.g., beef femur bones) or fat practically free of meat (e.g., pork clear plate) removed from a carcass."

This rule goes into effect on Monday. The Federal Register says this has been issued as a final rule without prior notice and opportunity for comment.

"USDA had signaled the update was coming in the regulatory agenda released last week and FAS had previously indicated it was going to update guidance to the trade on pork and beef reporting requirements under the export sales reporting system," Wiesemeyer adds.



EU on Course to Allow in More U.S. Beef From 2020

Nov. 25, 2019, BRUSSELS (REUTERS) - European Union plans to allow more U.S. beef imports cleared a key hurdle on Monday when EU lawmakers specializing in trade backed the move, which is likely to ease transatlantic tensions.

Members of the parliament's international trade committee voted 26-7, with four abstentions, for an agreement that will see U.S. farmers take up the majority of an existing 45,000-tonne allotment.

The whole of the European Parliament will vote on the deal on Thursday, but it is widely expected to follow the lead of its trade committee. If approved, increased shipments of U.S. beef should start at the beginning of 2020.

"The message of this agreement is clear: we would like to de-escalate trade tensions with the U.S., but we want to see the same efforts of de-escalation on the other side of the Atlantic," said Bernd Lange, the head of parliament's trade committee.

He said that the two sides still needed to find a solution to a dispute over subsidies to Airbus and Boeing Co and to the U.S. tariffs applied to EU steel, aluminum and olives.

The agreement on beef is designed to settle a dispute that dates back to 1981 when the European Union banned the use of growth hormones in meat across the bloc, including in imports.

The EU and the United States eventually concluded an agreement in 2009 to grant a quota for hormone-free beef imports, which currently stands at 45,000 tonnes.

However, under World Trade Organization rules, the quota also had to be made available to non-U.S. suppliers.

Exporters from Australia and Uruguay, and more recently Argentina, decided to sell into the quota, pushing the U.S. share from nearly 100% to 30%.

Under the deal, to which the other countries had to agree, U.S. farmers will gain an initial 18,500 tonnes of the quota, rising to 35,000 tonnes after seven years.

Potential for US Export Growth to Europe a Hot Topic at Anuga

25 November 2019

EU - Growing momentum for US beef in the European Union was in evidence at the Anuga food trade show, where USMEF promoted US red meat and met with existing and potential customers from several key international markets.

Funded by the USDA Market Access Programme (MAP) and the Beef Checkoff Programme, USMEF's effort included greeting importers and traders inside the USA Pavilion and sharing information about the availability of US beef, pork and lamb.

A biennial show held in Cologne, Germany, the 2019 edition also provided a look at growing competition for the European market. This year's event attracted 7,600 exhibitors and more than 170,000 visitors from Europe, Asia, Russia, the Middle East, Australia and Central and South America.

Discussions centered around a new agreement that will allow the US beef industry a larger share of the EU market, the impact of African swine fever (ASF) on global pork supplies and the effects of an ongoing drought in Australia on the red meat trade.

"From our perspective, it was a very active show and a tremendous opportunity to meet with customers and potential customers of US red meat and to share information on activities USMEF has planned around the world in the coming year," said USMEF President and CEO Dan Halstrom.

"Interest in US beef was especially strong this year because of this summer's agreement between the U.S. and the EU on the US-specific tariff rate quota (TRQ), which could be a giant boost for the U.S. beef industry. As with any new agreement, there are a lot of questions. We had several good meetings during the show to help answer many of those questions."

The new agreement still must be approved by the EU Parliament, but that is expected to happen before the end of this year, with implementation in 2020. It will establish an initial, US-specific duty-free TRQ of 18,500 metric tons annually. Over seven years, the TRQ will grow to 35,000 metric tons annually. More details on the agreement are in this press release from the Office of the US Trade Representative.

The timing made the TRQ agreement a popular topic at Anuga.

"We were able to give EU importers updated information on the process and learn from them what their plans and goals are once the new quota is in place," said Yuri Barutkin, USMEF representative in the region.

"When it gets implemented, we expect to see some new customers from the EU willing to get involved in the US beef business. That's why it was important to establish contact with importers at Anuga and showcase US beef.

"There are many other factors that can influence the ability of EU distributors to dive in to new business – exchange rates, availability of supply in the US, the European economy – but USMEF is optimistic that improved access conditions will create much better opportunities and the importers will be eager to become involved."



Halstrom and Barutkin both noted growing interest in US pork among Anuga attendees, especially pork processing companies experiencing supply challenges due to increased amounts of European pork going to China to cover deficits caused by ASF.

"Demand in China has created a backfill situation and as more EU pork moves into the Chinese market, meat processing companies in Europe are beginning to explore additional pork suppliers," explained Mr Barutkin.

"The challenge is that there are only five EU-approved pork plants in the United States. Trade barriers and restrictions remain obstacles for US pork in the EU, but the sense of several people at Anuga was that the current pork supply situation may be a 'game changer' that leads to improved access."

For red meat exporters, the EU and China were not the only markets under the spotlight at the five-day show. Halstrom said drought in Australia was a topic that surfaced over and over. He pointed to the USDA Foreign Agricultural Service's (FAS) forecast that Australian beef production will decline by 11 percent from 2019 to 2020 and exports by 15 percent.

On the pork side, rising feed prices caused by the drought squeezed Australian producers and resulted in reduced production and an increase in pork imports this year.<

"There was a lot of concern voiced over the supply situation with Australia, especially with some of Australia's larger customers in Asia," said Mr Halstrom. "It's something USMEF has been paying close attention to and it was important to get greater perspective from traders attending Anuga."

Industriales en contra de uso de la palabra carne para productos que no son tales

By Sandy Fitzgerald | Wednesday, 27 November 2019 10:44 AM

The beef industry is fighting back against their plant-based rivals as the market grows for meatless, lab-created products that closely mimic the sizzle and taste of meat grown on the hoof.

"Any time someone walks in the grocery store and makes a decision not to purchase our product and purchase another . . . we've lost a potential consumer," Jess Peterson, a lobbyist for the U.S. Cattlemen's Association and Montana cattle rancher told The Wall Street Journal. "It's a very small number, but it's a number that can grow."

The industry is pushing for laws limiting the use of words such as "beef" and "meat" to be used for animal-based products, building campaigns to highlight the nutritional benefits of beef while calling for health-risk testing for alternative products, and taking other actions in hopes of keeping people from switching.

There are currently labeling laws on the books in 12 states, with others considered in 15 other states this year, and in October, a federal bill was introduced.

However, restaurants and grocery stores are seeing growth coming from meatless products that include ingredients such as beet juice that allow them to sizzle like beef. Sales of the alternative products grew over the past year by 8%, according to Nielsen market research, while meat sales fell by 0.4% in the same time period.

As a result, beef producers are seeing a threat from meat-alternative companies like Impossible Foods Inc. and Beyond, and point to the growth of almond and other imitation milks that represent 10% of sales while traditional cows' milk retail has dropped.

Fast-food chains are also racing to include meat alternatives, such as with Burger King's "Impossible Whopper" and McDonald's announcement it will test a Beyond-based sandwich in its restaurants in Ontario.

Impossible says it wants to end all livestock production, which it has labeled as "prehistoric and destructive," and Pat Brown, the company's chief executive and founder, says the meat industry will do all it can to "throw obstacles in our way."

AUSTRALIA

Existencias en feed lots en niveles récords

21 November 2019

Key points:

There were 1,119,329 head of cattle on feed in the September quarter, back 2% from the previous quarter.

NSW and Queensland saw increases, while WA reported a significant reduction in numbers on feed.

Feeder buyers continue to trade at premium to their restocker counterparts.

The results of the latest ALFA/MLA feedlot survey for the September 2019 quarter reported a modest decline in the number of cattle on feed to 1,119,329 head. Despite a reduction from the June quarter of 28,000 head, cattle on feed have been sustained in excess of one million head for the sixth consecutive quarter.



The quarterly decline was largely driven by the seasonal nature of the WA feedlot production, which recorded a decline of 26,000 head on feed. Victoria and SA also saw smaller numbers in feedlots, back 12% and 11% respectively. NSW and Queensland somewhat offset the decline, reporting increased numbers on feed, a result of the prolonged drought conditions across both states.

Prices

Feeders were the driving force of cattle price movements throughout the September quarter, with feeder buyers of EYCI eligible cattle trading at an average premium of 53¢ to restockers. Competition for young cattle throughout the lot feeding sector has been buoyed by the robust value of finished cattle throughout 2019. With a poor weather outlook, especially in NSW and Queensland, the current premium for feeder cattle over restockers could remain. However, feedlots in eastern Australia are also facing 'critically low' water availability, which could limit feedlot inputs in the months ahead.

As at Tuesday 19 November, the Queensland 100-day grainfed over-the-hook (OTH) indicator was reported at 609¢/kg carcass weight (cwt), maintaining a record high price for the indicator. The premium for grainfed cattle domestically compared to grassfed trade steers currently sits at 63¢, and has averaged a premium of 36¢ throughout 2019. Despite easing from year-ago levels, grain prices have continued to trade at historically elevated levels.

Grainfed beef exports

Australian grainfed beef exports totalled 81,233 tonnes shipped weight (swt) over the September quarter, a decline of 2% from the same quarter last year but 2% above the June 2019 quarter. Exports to Japan and Korea recorded year-on-year declines, while China remained the driving force of grainfed beef export growth, improving 45% from the same period in 2018.

Looking ahead

With no reprieve from the current conditions forecast, combined with sustained overseas demand, there is the expectation that cattle on feed will remain within a historically high range for the remainder of 2019 and into next year.

Analizan crecer en el mercado local

21 November 2019

With the domestic market being the largest and most valuable for Australian red meat, the focus on growth opportunities at home was an apt start to MLA's Global Markets Forum at Red Meat 2019.

The Australian population is set to grow to 35 million by 2040, presenting opportunities to capture plenty of new red meat consumers. However, a changing demography and competitive pressures from other proteins remain intense.

MLA Market Intelligence Manager, Scott Tolmie, outlined the consumer insights, growth drivers and opportunity areas that will ultimately bring more Australian consumers to the table.

Scott said when it comes to deciding what to eat, Australians have more choice than ever before, and combined with soft wage growth and strengthening red meat prices, it was critical to maintain a focus on demonstrating the real value of Australian red meat to consumers.

"Since 2000, the price of beef and lamb has risen 94% and 161% respectively. Combine this with the diversity of meal options available to consumers, and it's pretty clear we need to stay focused on understanding what consumers want and then delivering that," Scott said.

Scott outlined three key areas the industry should focus on to deliver against consumer demands, being quality, ease and variety.

Despite budget pressures, MLA research shows consumers still want quality meal options and are also more likely to pay a premium for meat and seafood than any other category.

"We're seeing this in sales results in the retail channel with steaks growing 5% in the last 12 months and premium mince up 24%," Scott said.

"At the same time, they want convenience and variety, so a focus on value-added, pre-packaged and convenience items, across a range of cuisine types and meal options, remains really important.

"The domestic market is our largest and most significant, and if we can continue to be at the forefront of what consumers want and are willing to pay for, then we'll be able to seize the major opportunities this market presents."

Ratifican acuerdos comerciales con INDONESIA; HONG KONG y PERÚ

26 November 2019 The ratification of trade deals with three of Australia's valued existing and emerging trading partners has been welcomed by Australia's 80,000 red meat producers, lot feeders, livestock exporters and meat processors.

The ratification of the Peru-Australia Free Trade Agreement (PAFTA), the Indonesia-Australia Comprehensive Economic Partnership Agreement (IA-CEPA) and the Australia-Hong Kong Free Trade Agreement (A-HK FTA) today has received strong endorsement from the Australian red meat and livestock industry.



Independent Chair of the Red Meat Advisory Council, Australia's only supply chain and policy leadership organisation, said the industry applauded the bipartisan support shown ratifying the three trade agreements.

"The red meat and livestock industry is a large contributor to jobs in rural and regional Australia, which in turn is largely trade exposed, with 6 in every 10 jobs relying on our ability to trade with the world," said RMAC Chair Mr Don Mackay.

"This trade trifecta represents real opportunities for the Australian supply chain to develop even closer and more stable economic partnerships with long-term trading partners in Indonesia and Hong Kong, as well as opening up new market opportunities in Peru."

"Access to a broad range of markets is integral to ensuring our industry is able maintain its competitiveness in the challenging global trade environment, as well as maintain profitability particularly when extensive portions of our sector are affected by severe drought conditions.

The Australian red meat and livestock industry released (October 2019) its shared vision and direction for Australia's red meat businesses – Red Meat 2030 – which identified Our Markets as one of six major strategic priorities to double the value of the Australian red meat industry by 2030 as the trusted source of highest quality protein.

"Trading with the world is a top priority for our industry and core to our economic resilience. Implementation of these three trade agreements is perfectly aligned to Red Meat 2030 and is a welcome stimulus in achieving our 2030 ambitions," Mr Mackay said.

"Indonesia is a vitally important trading partner for the Australian live cattle and beef industry – along with a steady requirement for sheepmeat. Combined, the existing trade was worth over a \$1 billion in 2018.

"The benefits of ratifying IA-CEPA and securing more trade certainty with this key export market are unsurpassed – particularly at a time of global trade disruption.

"The implementation of the A-HK FTA promotes closer economic relationships between Australia and Hong Kong and will 'lock in' Australia's current duty free access for red meat products.

"PAFTA will offer new export opportunities for Australian beef, goatmeat and sheepmeat with all tariffs being eliminated within five years, in an environment where the consumption of red meat products is forecast to increase substantially in coming years.

VARIOS

ARABIA SAUDITA admite importaciones de POLONIA

26 November 2019 - The veterinary services of Saudi Arabia approved the import of beef products from Poland due to the positive results of the audit, General Veterinary Inspectorate (GIW) said on Friday.

The audit was carried out from 30 September to 4 October.

As a result, the export ban imposed in February was lifted. Ten companies are allowed to export to Saudi Arabia.

NUEVA ZELANDA: suben exportaciones en octubre

27 November 2019 - Exports of dairy products, beef, and lamb, particularly to China, increased in value in October 2019, Stats NZ said today.

However, the rises were partly offset by falls in logs and kiwifruit.

In October 2019, the value of total goods exports rose \$206 million (4.3 percent) from October 2018 to reach \$5.0 billion.

The rise in exports was led by milk powder, up \$194 million (32 percent) from October 2018. The rise was quantity-led, but unit values were also up.

"In each month at the start of the 2019/20 export season, the total value of milk powder exports was up on the same month of the previous year," international statistics manager Darren Allan said.

"These rises reflect higher export quantities and higher prices."

Exports of lamb (up \$67 million or 27 percent), and beef (up \$59 million or 39 percent) were the other main contributors to the rise in exports. The quantity of lamb exports rose 20 percent in October 2019 compared with October 2018, and that of beef exports rose 27 percent over the same period. Unit prices of both beef and lamb were also up on the same month in 2018.

The monthly movements in dairy products, beef, lamb, and logs were led by exports of the respective commodities to China, New Zealand's largest export partner.

Exports to China rose \$279 million in October 2019. Exports to other main markets were little changed, except for the European Union, down \$97 million on a year earlier.



EMPRESARIAS

Situación política en Sudamérica frena oferta pública de acciones de Athena Foods

18/11/2019 - Es la segunda vez que la empresa posterga la oferta pública.

Eurocarne | La situación política que se vive en países como Chile, Argentina, Bolivia o Ecuador ha frenado la decisión de Minerva Foods de lanzar una oferta pública inicial de acciones de Athena Foods, firma chilena que creó para operar fuera de Brasil.

El retraso se suma al ya vivido anteriormente, en mayo, debido a la guerra comercial entre China y los Estados Unidos.

Minerva Foods esperaba obtener US\$ 400 millones con esta operación que estaban destinados fundamentalmente al pago de deuda a corto plazo. Athena Foods opera en Chile, Colombia, Paraguay y Uruguay.

Edison Ticle, director financiero de Minerva Foods, aseguró que esperarían a que el nuevo presidente argentino acceda a su cargo a mediados de diciembre.

A menos de un año de ingresar a China, Copayán destina más del 60% de la producción

18/11/2019 - La demanda en aumento de China ha sido favorable para ingresar con más facilidad al mercado.

Frigorífico Copayán logró la habilitación del mercado de China en un momento clave, poco tiempo después que la fiebre porcina afectó al país asiático y obligó a sacrificar un número millonario de cerdos y aumentar fuerte la demanda de carne vacuna.

El director de la empresa, Fernando González, contó a Rurales El País que China es hoy un mercado “totalmente determinante” para el negocio de la carne bovina, donde el frigorífico actualmente está destinando más del 60% de su producción.

“La demanda en aumento de China ha sido favorable para Copayán, eso permite que un nuevo productor de carne ingrese con más facilidad al mercado, sino hubiera pasado, entrar al país en un momento de impasse sería más difícil”, sumó.

González señaló que colocar más del 60% de la producción con destino a China es algo “anecdótico”, porque históricamente la participación de la empresa estaba destinada al mercado interno de Uruguay, y posteriormente fue diversificando con Israel, Estados Unidos y Europa; hasta que llegó la demanda de China.

Japón. Otro mercado de relevancia es Japón, y la planta fue una de las tres elegidas en la auditoria que se hizo en el país para lograr las habilitaciones. “Tal vez ese honor generó repercusión y hoy tenemos clientes japoneses que nos demandan cortes que han sido enviados en modo de prueba, en contenedores y vía aérea”, explicó.

González dijo que Japón es un mercado “muy lento” pero desde la empresa “apostamos a él”, porque “en mediano y largo plazo será un mercado muy interesante para Uruguay”. Y cerró: “Hoy no se envía volumen, sino exploramos nichos para una estrategia de largo plazo”.

Minerva espera mayores exportaciones en 2020 y logra aprobación de un establecimiento en COLOMBIA para ARABIA SAUDITA

25/11/19 - por Equipe BeefPoint

A Minerva espera que o mercado americano tenha restrição do mercado chinês de carnes em 2020, refletindo a guerra comercial entre os países, enquanto na América do Sul a expectativa é de alta de exportação da carne bovina angariado pela febre suína africana na China. A informação consta em documento divulgado na Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

A previsão da empresa aponta ainda que a febre suína na China impactará fortemente a demanda asiática que deve contribuir no crescimento das importações. Além disso, a Minerva espera nova abertura de mercados para a América do Sul, principalmente do Japão para Argentina e dos Estados Unidos para o Brasil.

Por outro lado, a companhia prevê uma forte restrição à disponibilidade de gado na Austrália, enquanto na Argentina vê um bom momento para exportação de carne bovina diante da disponibilidade de gado, variação cambial e demanda chinesa.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês) estima que as importações globais de carne devem 4% em 2020 quando comparado a 2019.

22/11/19 - por Equipe BeefPoint

Nesta quinta-feira, uma planta da Athena Foods, controlada pela Minerva, localizada na Colômbia foi habilitada para exportação de carne à Arábia Saudita. O país é um dos principais consumidores de carne Halal no mundo, com aproximadamente 34 milhões de habitantes, informa a Minerva.



Ainda segundo a companhia, a Colômbia tem um rebanho de aproximadamente 24 milhões de cabeças de gado, segundo dados da USDA, com “enorme potencial de crescimento”.